

A rádio como arquivo da história

Pedro Moreira

A rádio como arquivo da história

O desenvolvimento da rádio ao longo do séc. XX é revelador do modo como este meio de comunicação se relacionou com os principais momentos da História contemporânea de Portugal e do Mundo (Domingos, Moreira e Silva, 2010). ‘O país parava’ é uma expressão que nos lembramos de ouvir, no contexto familiar, referindo-se aos momentos em que todos se reuniam em torno do aparelho de rádio para escutar um discurso, notícias, relatos desportivos e programas que marcavam a atualidade (Ribeiro 2005). As notícias chegavam e chegam através do esforço de equipas de reportagem, locutores e técnicos que nos ligam diretamente a esses momentos que, embora possam parecer longínquos, se tornam próximos e de todos. As rádios de maior dimensão, como a Emissora Nacional, o Rádio Club Português, a Rádio Renascença, e as pequenas estações emissoras em Lisboa e no Porto (Santos 2005, 2019), traziam as vozes do outro lado do microfone que apesar da distância, se tornavam familiares.

A rádio, como Arquivo da História, conduz-nos por uma seleção de acontecimentos relevantes, estabelecendo uma ligação com os radiouvintes que acompanhavam o desenvolvimento de conflitos, revoluções, visitas oficiais, crises humanitárias, entre outros. Os arquivos sonoros da rádio, nas suas múltiplas dimensões, permitem-nos um contacto com o passado, mas também com a sua construção, nas dimensões, sociais, culturais e políticas. Os sons que emergem do arquivo requerem uma escuta crítica, atenta ao seu significado, contexto de produção, mediação e recepção, aos processos de edição, de censura e de propaganda, reveladores de opções estéticas, de políticas de programação e de linhas editoriais.

As emissões radiofónicas misturaram-se, ao longo do séc. XX, com o quotidiano das pessoas, como elemento que acompanhou os afazeres quotidianos, preenchendo o espaço e o tempo, e estabelecendo redes de escuta que ligavam os acontecimentos nacionais e internacionais aos radiouvintes, tornando-os parte integrante daquela experiência, daquelas “comunidades imaginadas” (Anderson 1983). Mas a rádio, para além das transformações

técnicas, foi afetada pela emergência de outros meios de comunicação de massa, como a televisão, reconfigurando a sua função, adaptando-se a novas realidades (Hilmes 2002). A seleção dos 23 exemplos sonoros que pudessem ilustrar a História através da rádio, não constituiu tarefa fácil, porquanto depende dos registos disponíveis, dos formatos em que se encontram, da qualidade sonora, entre outros. Isto indica que, para muitos eventos nacionais e internacionais que foram marcantes na História do séc. XX, não existem registos, ou não podem ser ouvidos nas melhores condições; implica, por outro lado que haveria muitos outros exemplos relevantes, mas que, pelas questões relacionadas com a organização da exposição (temáticas, objetivos, contexto, públicos-alvo, etc.), não puderam ser integrados. A seleção realizada teve como base a diversidade de acontecimentos nacionais e internacionais que, de uma forma ou de outra, cruzam a nossa memória individual e coletiva. Será de assinalar que, desde a inauguração da exposição, se denotou que o público ouvia atentamente os exemplos, comentando amiúde a forma com se recordava daquele momento, do som, da voz do locutor, e da relação específica com as suas vidas quotidianas.

Como forma de assinalar as impossibilidades que por vezes surgiram na seleção de exemplos sonoros que pudesse ser representativos de diferentes períodos históricos, iniciamos a exposição com uma fotografia da Inauguração da Emissora Nacional, datada de 4 de agosto de 1935, ocasião para a qual não existe um registo sonoro disponível.

Os anos 40 aparecem aqui representados através de dois exemplos de entre muitos que poderiam ser selecionados. O primeiro apresenta o Discurso inaugural de Duarte Pacheco (1899-1943), na Exposição do Mundo Português, a 23 de junho de 1940. O evento, que visava a celebração do duplo centenário de Portugal (Fundação e Restauração da Independência), considerado um dos maiores eventos propagandísticos do Estado Novo, que para além da Nação e do Império, explorava uma ideia de um Portugal mantido em paz numa Europa em contexto beligerante, ideia de resto consideravelmente explorada pela propaganda do regime. A meio da década, os ventos vitoriosos dos aliados haveriam de mudar a estratégia de Salazar, colocando vários desafios a um dos poucos regimes autoritários que sobreviveu à II Guerra Mundial.

A seleção dos anos 50 evidencia o modo como a rádio marca outros tempos, com a morte de Óscar Carmona (1869-1951), o presidente das primeiras décadas do Estado Novo e aliado incondicional de António de Oliveira Salazar (1889-1970), numa reportagem de Artur Agostinho (1920-2011). As mudanças do pós-guerra e a tecnocracia do regime, virando uma página em muitos assuntos fortes dos anos 30 e 40, como a propaganda, implicavam uma aposta nas relações internacionais e na projeção de uma certa imagem de tolerância que o regime pretendia projetar para o exterior, abrindo aqui a oportunidade a momentos milimetricamente planeados, como a Visita da Rainha Isabel II (1926-2022), do Reino Unido, a Portugal, em 1957, marcada com a sumptuosidade exigida. As mudanças nesta década pareciam trazer novos ventos que podem ser lidos na esperança depositada naquele que ficaria conhecido como o “General sem medo”: as palavras de Humberto Delgado (1906-1955) constituem tanto de esperança, que inspiraram milhares de pessoas de norte a sul de Portugal, aquela que seria uma encenação de “eleições livres” promovidas

pelo regime. O seu destino acabaria por ser trágico, mas o seu legado, inspirador para as gerações seguintes de luta contra o regime autoritário.

A rádio esteve sempre ao lado dos portugueses, com as suas vozes acolhedoras, empáticas, mesmo em tempos de tragédia, como na Erução do Vulcão dos Capelinhos (1958) na Ilha do Faial, nos Açores, numa erupção vulcânica marcada pela violência das forças naturais. Naqueles momentos, todos escutavam, expectantes, os desenvolvimentos de uma tragédia que não era só dos Açores, que era nacional, pela voz de Fernando Curado Ribeiro (1919-1995).

Na sequência da força ganha pelos movimentos independentistas das ex-colónias, e numa ameaça a uma ideia de Império que António de Oliveira Salazar pretendia manter, "orgulhosamente só", iniciava-se, em 1961, a Guerra Colonial. Foram muitos os contingentes de jovens que partiram de Portugal para combater nos territórios ultramarinos, deixando para trás as famílias, as noivas, os estudos, a ideia de futuro que tinham construído. A rádio, em contexto de ditadura, geria a informação, não informava na sua plenitude e criava narrativas enviesadas. Seriam outros canais de comunicação a trazer as novidades: as fotos, as cartas, apenas algo que pudesse tranquilizar mães, pais e familiares inquietos.

A 6 de agosto de 1966 inaugurou-se a ponte sobre o Tejo, ligando Lisboa e a margem sul, contribuindo para a mobilidade diária de muitos cidadãos. Foram esses e tantos outros cidadãos que vibraram, desde praticamente o início das transmissões da rádio, com os relatos futebolísticos. Em 1966, famílias e comunidades juntavam-se em torno do aparelho emissor, mas também da televisão, para ouvir o relato daquela que foi a primeira participação, em 1966, de Portugal num campeonato do mundo, com os Magriços a alcançar o terceiro lugar.

Há eventos nesta época que marcam com apreensão a população, como as dramáticas cheias de Lisboa, em 1967, que foram devastadoras, causando a morte de centenas de pessoas e resultando em milhares de habitações destruídas, numa tragédia que o regime procurou circunscrever, limitando a sua exposição mediática, mas também não mobilizou os recursos que seriam necessários para salvar as populações, ajudadas pelos jovens que pertenciam a associações de estudantes e pela Juventude Universitária Católica.

Mas os tempos mudavam. Por momentos, na televisão ou na rádio, todos acompanhavam a missão de Apolo XI e a chegada do primeiro homem à Lua. A humanidade parecia estar a mudar e o presente parecia quase ficção científica, naquele que seria "um pequeno passo para o Homem...". Tudo parecia apontar, desde 1968, quando Marcelo Caetano (1906-1980) substituiu Salazar na Presidência do Conselho, que outros grandes passos aviriam, que a primavera floresceria. Mas o outono cinzento permaneceria até 1974. Em 1970, o funeral de Salazar parece anunciar um fim que estará próximo, mas que ainda seria adiado.

A paisagem sonora de 1974 ecoará nas memórias de muitos, com as senhas do 25 de abril e o comunista do Movimento das Forças Armadas. Eram novas páginas da história coletiva que começavam a ser redigidas e, com elas, os portugueses saíram à rua, unidos, em

A rádio como arquivo da história

por da liberdade, dos seus direitos, exercendo a sua cidadania, como revela, a reportagem do 1.º de Maio. Após o verão quente e o 25 de novembro, António Ramalho Eanes é eleito o 1.º Presidente da República do pós-25 de Abril, num Portugal expectante quanto a futuro. Outros atores, como Francisco Sá Carneiro (1934-1980) tomarão o seu espaço na vida pública e partidária, mas este morrerá de forma trágica, em 1980, na queda de uma avioneta em Camarate.

O futuro de Portugal, com Mário Soares (1924-2017) como Primeiro-Ministro parecia agora marcaria uma nova página da nossa história na relação com a Europa, e do desenvolvimento nacional. Não obstante a importância de outros meios de comunicação, a rádio continuou a cumprir o seu fiel papel. A 25 de agosto de 1988, comunicava o grande incêndio dos Armazéns do Chiado, que muitos puderam acompanhar depois da televisão, atingindo um dos quarteirões mais cosmopolitas da capital. E a década fecharia com outros ventos na europa e no mundo. Apesar das muitas divisões ainda existentes, a 9 de novembro de 1989, teria lugar a Queda do Muro de Berlim, seguindo-se o fim da Guerra Fria e a reunificação da Alemanha. O mundo parecia agora reconfigurar-se e procurar um sentido para si mesmo. Mas os conflitos continuariam, com a 1.ª Guerra do Golfo, aqui marcada pelo discurso de George Bush (1924-2018), em 1991, com a apreensão do mundo.

As ondas hertzianas trouxeram-nos momentos de grande esperança, de ligação coletiva que alimentaram o acreditar num mundo melhor. Foi com comemoração que muitos portugueses ouviram a Tomada de Posse do Presidente da República de África do Sul Nelson Mandela (1918-2013), a 10 de maio de 1994, que se mobilizaram em torno da EXPO'98 com o tema "Os oceanos: um patrimônio para o futuro" ou que, emotivamente, ouviram o discurso de Xanana Gusmão (n. 1946) quando visitou Portugal, no ano em que Timor referendou a sua independência, que chegaria formalmente em 2002, depois de um período transitório sob administração da Organização das Nações Unidas.

A maior parte dos que leem este texto terão uma relação próxima, emocional, com alguns destes momentos. Seja por os terem ouvido em primeira mão, em casa, no carro, no rádio de transístor, em família, sozinhos ou com os amigos, seja por Ihes terem falado de um episódio em que ouviram este ou aquele momento pela rádio. Não será, pois, difícil perceber a sua relevância na nossa vida e na configuração das nossas memórias individuais e coletivas.

Bibliografia

- Anderson, Benedict. 1983. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso.
- Domingos, Nuno, Moreira, Pedro e Silva, Manuel Deniz. 2010. *A nossa telefonia - 75 anos de rádio pública em Portugal*. Lisboa: Tinta da China (coord. Joaquim Vieira).
- Hilmes, Michele. 2002. "Rethinking Radio". In *Radio Reader: Essays in the Cultural History of Radio*, edited by Michele Hilmes and Jason Loviglio, 1-19. New York/London: Routledge

A rádio como arquivo da história

Acontecimentos radiofônicos

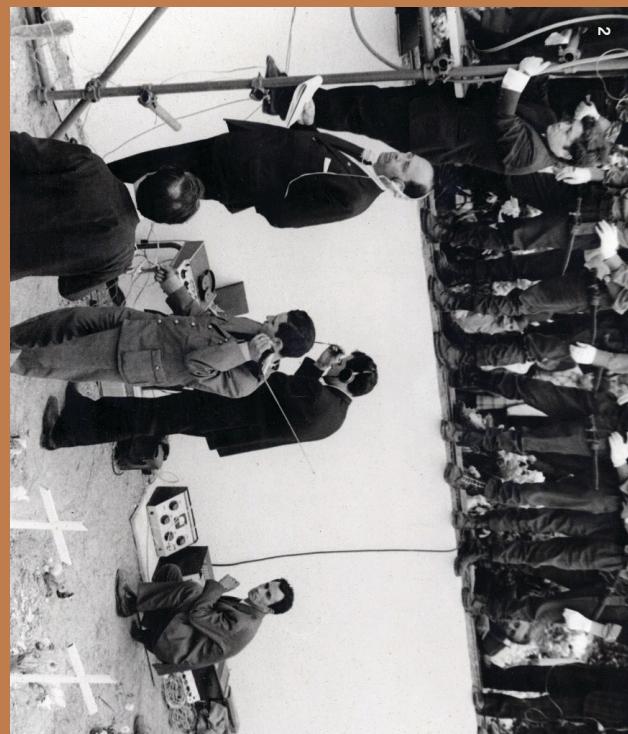
Ribeiro, Nelson. 2005. *A Emissora Nacional nos Primeiros Anos do Estado Novo (1933-1945)*. Lisboa: Quimera.

rádio con:vida

- Santos, Rogério. 2005. *As Vozes da Rádio (1924-1939)*. Lisboa: Caminho.
- Santos, Rogério. 2019. *As Sintonias da Rádio em Lisboa*. Lisboa: Colibri
- Exposição do Mundo Português, Discurso inaugural de Duarte Pacheco, Ministro das Obras Públicas, 23 Junho 1940.
- Dia da Vitória – ‘VE-Day’ Winston Churchill anuncia a vitória aliada na Europa, seguido por ‘Tipperary’ cantada pela multidão, 8 Maio 1945.
- Funeral do Marechal Óscar Carmona, Presidente da República entre 1926 e 1951. Reportagem de Artur Agostinho, 21 Abril 1951.
- Visita da Rainha Isabel II, de Inglaterra, Reportagem de Pedro Moutinho, 18 Fevereiro 1957.
- Declarações de Humberto Delgado no comício de chaves, 22 Maio 1958.
- Erupção do Vulcão dos Capelinhos, Reportagem de Curado Ribeiro, 30 Dezembro 1958.
- Guerra Colonial, 1 Setembro 1961.
- Inauguração da ponte sobre o Tejo, 6 Agosto 1966.
- Campeonato Mundial de futebol, Golo de José Augusto, 1966.
- Cheias em Lisboa, 1967.
- Chegada do Homem à Lua, Emissão especial da EN, com o acompanhamento da missão Apolo XI, feita por Eurico da Fonseca, Raul Durão e Mário Meunier, 19 Julho 1969.
- Funeral de Salazar, 30 Julho 1970.
- Depois do Adeus (Senha 25 de Abril), Grândola Vila Morena (Senha 25 Abril) e Comunicado do M.F.A., 25 Abril 1974.
- Comemorações do 1.º de maio, 1 Maio 1974.
- Tomada de Posse de António Ramalho Eanes, 14 Julho 1976.
- Morte de Sá Carneiro, 1980.
- Assinatura do Tratado de Adesão de Portugal à CEE, Mário Soares, 12 Junho 1985.
- Incêndio dos Armazéns do Chiado, 25 Agosto 1988.
- Queda do Muro de Berlim, 9 Novembro 1989.
- 1.ª Guerra do Golfo, Discurso de George W. Bush, 1991.
- Tomada de Posse de Nelson Mandela, 10 Maio 1994.
- Expo 98: Exposição mundial realizada em Lisboa, entre 22 de Maio e 30 de Setembro, subordinada ao tema «Os oceanos: um património para o futuro».
- Discurso de Xanana Gusmão aquando da visita a Portugal, 1999.



Inauguração da Emissora Nacional



Eusébio em entrevista, 1966.
Campeonato Mundial de Futebol (1)

Funeral de Salazar, 1970 (2)

Inauguração da Exposição do Mundo Português, 23 de junho de 1940 (3)

Erução do Vulcão dos Capelinhos, 1958 (4)

Batalhão Infantaria nº de Lamego, 24 maio 1942.

Emissor Regional dos Açores (5)



Partida das tropas para o Ultramar
Janeiro de 1965

Reportagens

**Funeral do Marechal
Óscar Carmona, Presidente
da República entre 1926 e
1951. Reportagem de Artur
Agostinho, 21 de abril de 1951**



Engenheiro Henrique
Leote, Marechal Óscar
Carmona, s.d.